sombra e luz
a exposição de
a u g u s t o

2.ª EDIÇÃO

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
Serviços de Inventário

e o mais
que disse
gualter
cardoso

MNAC
AP
71
Biblioteca

1929?

s o m b r a

1 — o menino que era baby

2 — r. da barroca, 1.º andar

3 — cabelos d'aço

4 — vicio

5 — passado

l u z

6 — cabeça

zarcão

assassino nobre

7 — o outro eu

8 — o meu irmão

9 — a historia tragico-maritima da

bailarina que dançava no tombadilho

10 — a varina que era sereia

11 — a sereia que era varina

12 — gualter

13 — a margarida e o seu fantasma

14 — tom, o meu amigo

15 — a menina que era triste

c o l c h a d e r e t a l h o s

16 — sol da ribeira

17 — varina filha do mar

18 — o homem que vendia peixe

19 — margarida vai á fonte e vem sosinha (talvez)

20 — uma preta

É no mundo exquisito e espiritual dos sentidos que augusto vive e desenrola a sua sensibilidade complicada, no mundo elegante e íntimo, pátria da sua Arte. Ao expatriar-se, ao acordar para a vida exterior, teria a decepção estrangeira do transporte dum meio luminoso para um quarto escuro, como se depois de olhar fixamente o sol tivesse que inquerir um relogio cá em baixo.

O mundo da sua arte é um imperio autonomo de que êle é rei. Olhar para os seus desenhos é fixar uma estrada que dá acesso ao seu mundo, e, ouvir recitar uma lenda de princêsas e saüdades. A arte de augusto é a autópsia á sua alma. O arcaboiço da lenda foi sempre uma mulher. Tangida em loiras romanzas palacianas ou lamuriada na morma cantata duma viola a ába longa dum chapeu de feltro e a pála curta dum bonnet acanalhado — rasgaram, cortejantes, a mesma canção misteriosa da lenda. Os hábitos evoluem, mas a alma mantem-se — a mulher subsiste. A ância é um desejo amargo e obsecante, uma tortura que se lhe enrola e que arrancou, a sangue-frio, a dôr sonâmbula da sua arte, no arraial cláro da vida. E pela calçada velha do seu *mundo*, lampejante á luz frouxa de candieiros a gáz, rebrilhou uma esperança em cada candieiro. Pela manhã uma mulher *talvês* espanhóla mantivera o invulgar que impressionava. E todas as noites pela calçada velha dum bairro suspeito, onde vagueava em cada pedra um candieiro, um artista, procuráva na geometria topografica duma calçada o numero que se sábe de cór e, é, a um tempo, a numeração dum prédio e o *Pi* da circunferencia do nosso amôr. Fôra no silencio que mais tarde éra a sombra que o homem iniçiou as primeiras sessões dum retrato duma mulher imaginaria. Éra simples a lenda de sombra e luz. O sol morrêra no pôr-do-sol colorido duma coisa morta (é ésta a vida e a expressão que a arte póde admitir nas «naturezas mortas»). A sombra é um refúgio duma árvore amiga, saüdade dum desêjo, a historia e a critica dos desenhos de augusto. Acoitado nos carvões sonam-

bulos do «menino que éra baby», no «r. da barroca, 1.º andar» e no «passádo» augusto queimou aquele ultimo cigarro que sempre existiu ao longo duma vida de afectividade e extasismo sensacional. Devem pousar indecisas nos contornos, incompletas nos pormenores as revelações da sua *lenda* que êle nos deu nos seus desenhos; dévem assentar simples e esboçados, indecisos no delineamento como um versículo da biblia. Não ha defeitos a indidar, proporções a médir, críticas míopes a encetar á obra de augusto, quando ela exprime um sentimento, (e os sentimentos não se medem, interpretam-se), quando ela avulta com a inergia do seu talento á compita com a sua sensibilidade. Que romance exerce e simboliza cada carvão dos seus! Como é humana e exacta cada molécula de traço numa forma infinita, de que um anatomista pode *desconversar!* Se cada mancha é uma estrófe da *lenda*, se até o papel se assemelha á côr dos pergaminhos dos trovadores e jograis do seculo XIII! A sensibilidade foi o mais velho e o mais perfeito dos mestres. A sensibilidade sombria, em augusto, é a sua meia-arte. Outra fase é a luz: fez sol, foi pela alva; o dia foi mais claro na ribeira fresca de mulheres descalças. No jôgo ritmico dos seus ventres a andarilhar, boiantes como uma fragata, ao clarão dum pregão matinal; no coleante e serpentino relevo dos contornos sãos dum corpo fresco, contagiado pela sensualidade ondulante do mar — surge uma rajada de luz, um friso brilhante de varinas. Cada varina de augusto é um violino, calmante ou nevrótico. Vivem como as ondas as varinas de augusto, varinas do seu coração marinheiro. Se a expressão de beleza em cada corpo d'onda não reside na propria essencia da sua alma, elas são o melhor modelo de elegancia e ritmo.

Na exposição de augusto esqueçamo-nos dos óculos pardos dos nossos sentidos e deixemo-los girar, desenfreadamente, como giram e bailam os corpos lusos das varinas. E, se por engano, trouxermos um tratádo anatomico, ou uma brochura dos principios elementares de estética e arte, recomendada para uso das escolas, e encimada pelo nome de qualquer auctor da academia das sciencias — é melhor rasga-lo e antes empunhar uma gramatica da lingua portuguêsa...

Foi no mundo da sensibilidade (seu mestre unico) que, na gramatica do verbo amar, augusto conjugou o preterito e o futuro.

g u a l t e r c a r d o s o

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
Serviços de Documentação
0

1929?